

A FILOSOFIA PLATÔNICA ENTRE O ECLETISMO DE PLUTARCO E O *CORPUS HERMETICUM*

Italo Dant Alves Monteiro¹

Resumo: Este presente artigo tem por objetivo fazer considerações acerca da origem tardia do *Corpus Hermeticum*, assim como seu possível desenvolvimento, a partir do caldo multicultural e das similaridades religiosas entre as escolas filosóficas da Grécia clássica e helenística, em específico por influência direta de Pitágoras e de Platão, por meio de Plutarco, da escola eclética e de certa influência indireta das escolas do oriente, em específico a egípcia, na tentativa de revelar a possível, mas bem provável, origem posterior ao séc I dos escritos conhecidos como *Corpus Hermeticum*. Essa conjunção de escolas de pensamento, podem ter tido o efeito em comum e uma possível responsabilidade de formarem, ou até mesmo de servirem como agente acelerador, do pensamento filosófico grego pré-socrático, que irá influir diretamente no pensamento clássico e helenístico.

Palavras chaves: Religião egípcia. Filosofia grega. Plutarco. Ecletismo. Platonismo.

THE PLATONIC PHILOSOPHIE BETWEEN PLUTARCH ECHLETISM AND THE *CORPUS HERMETICUM*

Abstract: This article aims to discuss the late origin of the *Corpus Hermeticum*, as well as its possible development, from the multicultural background and the religious similarities between the philosophical schools of classical and Hellenistic Greece, specifically through the direct influence of Pythagoras and Plato, through Plutarch, the Eclectic school, and some indirect influence of Eastern schools, specifically the Egyptian school, in an effort to disclose the possibility, but very likely, the origin of the writings known as *Corpus Hermeticum* after the first century. This convergence of schools of thought may have had the common effect and a possible responsibility to form, or even to work as an accelerating agent for pre-Socratic Greek philosophical thought, which will directly influence classical and Hellenistic thought.

Keywords: Egyptian religion. Greek philosophy. Plutarch. Echletism. Platonism.

270

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo fazer considerações acerca da origem tardia do *Corpus Hermeticum*, assim como seu possível desenvolvimento, a partir do caldo multicultural e das similaridades religiosas entre as escolas filosóficas da Grécia clássica e helenística, em específico por influência direta de Pitágoras e de Platão, por meio de Plutarco, da escola eclética e de certa influência indireta das escolas do oriente, em específico a egípcia, na tentativa de revelar a possível, mas bem provável, origem posterior ao século I dos escritos conhecidos como *Corpus Hermeticum*. Essa conjunção de escolas de pensamento, podem ter tido o efeito em comum e uma possível responsabilidade de formarem, ou até mesmo de servirem como agente acelerador, do pensamento filosófico grego pré-socrático, que irá influir diretamente no pensamento clássico e helenístico.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Membro do GEFIM (Grupo de Estudos em Filosofia Medieval) desde 2018.
Contato: italodant90@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1068-7515>

2. Fundamentação teórica

De acordo com os relatos históricos, era prática comum entre os nobres gregos estudarem no Egito. E isso não é um aspecto exclusivo grego. Também se tornou prática comum o envio de emissários e sábios do oriente distante, em especial da Índia, para a Pérsia e Grécia. O principal difusor foi Ashoka, o Grande (268-232 a.C.), que foi o terceiro rei do Império Mauryano (322-185 a.C.), onde ficou mais conhecido por sua renúncia total à guerra e a prática da não violência (*ahimsa*), depois de observar os males da guerra. Trabalhou incansavelmente para o desenvolvimento do conceito de *dharmma* (conduta social e piedosa budista), e da promoção do budismo, concomitante ao seu reinado, que prosperou a ponto de quase criar uma entidade política que hoje em dia conhecemos como Índia. Após ter abraçado o budismo, Ashoka embarcou em peregrinações a locais sagrados para os budistas e começou a disseminar seus pensamentos sobre o *dharmma*. Ele ordenou éditos, muitos referenciando o *dharmma* ou explicando completamente o conceito, gravado em pedra em todo o seu império e enviou missionários budistas a outras regiões e nações, incluindo o atual Sri Lanka, China, Tailândia e Grécia; ao fazer isso, ele estabeleceu o budismo como uma religião mundialmente importante.

Esse cenário foi em parte facilitado e produzido pela expansão militar e civilizacional de Alexandre Magno, que por volta de 326 a.C., Alexandre já cruzava, através da Pérsia, pela primeira vez a Índia, passando pela atual cadeia de montanhas conhecida como Hindu Kush, até a península indiana, criando estradas e difundindo o pensamento cosmopolitano típico da Grécia.

Outra obra logística humana teve grande influência nesse processo de difusão do conhecimento oriental no mundo clássico e vice-versa, a obra de engenharia conhecido como a Estrada da Seda. Oficialmente surgida por volta de 114 a.C., ela foi uma rede de estradas que conectava o extremo oriente até o continente Europeu. Podemos aferir sem receios que a estrutura virtual dessas estradas preexistia a estrutura formal, desenvolvendo-se na medida que era utilizada pelos mercadores, sábios e viajantes. Toda essa efervescência mercantil e contato entre diferentes povos foram as molas propulsoras da civilização ocidental, e não temos dúvida de que além do intercâmbio mercantil, ocorreu intercâmbio cultural, religioso e principalmente filosófico.

É claro que superficialmente, todas essas tradições, parecem distantes e desconexas uma das outras, mas uma observação mais profunda, revela o contrário. Encontramos elementos comuns de ambas religiões da Índia e do Egito com o Platonismo, elementos marcantes como: a crença na metempsicose; a existência de deuses antropomórficos e/ou zoomórficos; a

existência de castas sociais, tanto na Índia, Egito e em Platão, tendo como casta superior a classe dos sacerdotes, os sábios, em seguida dos guerreiros, depois dos comerciantes e fazendeiros, e em último, a casta servil; o vegetarianismo para as castas inferiores, assim como forma de purificação da casta sacerdotal; a busca pelos deuses e pela divinização através de práticas místicas e/ou mânticas.

O controverso e misterioso *Corpus Hermeticum* parece ser um produto direto desse caldo multicultural. O *Corpus Hermeticum* transparece elementos em comum, assim como um certo desenvolvimento da metafísica, que nos leva a crer da possibilidade da tese de uma origem pós-cristã, ou seja, posterior ao séc. I, tese contestada por muitos estudiosos do *Corpus Hermeticum*. Porém, essa tese ganha força quando vemos (HERMES, 2019, p. 97) que:

“Desde a criação deste mundo pelo Criador², não com as mãos, mas pela palavra³, concebeu-o como presente e sempre existente e tendo tudo feito e sendo Um e o Único, tendo formado os seres pela sua própria. Pois eis seu verdadeiro corpo, que *não se pode tocar, nem ver, nem medir, que não possui dimensão, que não é semelhante a nenhum outro corpo. Pois não é fogo, nem água, nem ar, nem sopro, mas as coisas provêm de si.*” (Itálico e **Negrito** nosso)

Fica evidente que os termos supracitados e em diversas outras passagens, como *Demiurgo*, palavra inicialmente utilizada por Platão em seu *Timeu* para explicar a gênese do Cosmos, assim como das qualidades desse ser primeiro, que distam da noção corpuscular ou atomista de Demócrito, assim como das noções das Escola Jônica, Eleática, da Escola Pitagórica, parece aduzir algo.

Vemos também que Hermes, ao dizer que “sendo então princípio, *a mônada compreende todo número, sem ser compreendida em nenhum deles. E engendra todo número sem ser engendrada por nenhum outro número*” (HERMES, 2019, p. 101), e explicar onde “toda ordem supõe, de fato, uma *delimitação quanto ao número* e ao lugar” (HERMES, 2019, p. 106), parecem deixar claro uma influência direta, e ao mesmo tempo, um certo distanciamento dessas escolas de pensamento e de suas conclusões.

A partir dessa rápida leitura, enxergamos um certo *ecletismo* característico da escola Alexandrina, que teve nascimento por volta do século I, com grandes filósofos tanto de linha platônica, herdeiros da tradição pitagórica e eleática, como Amônio Sacas, Herênio e Plotino, quanto de linha cristã e seu caráter soteriológico, dentre eles, Basíledes, Valentino,

² Demiurgo.

³ *Logos*.

Potamon, São Justino, Atenágoras e Clemente de Alexandria.

Para corroborar essa tese, da influência de escolas platônicas e cristãs alexandrinas, e de outros elementos característicos da religião egípcia, assim como a compreensão e da utilização desses termos cosmogônicos e antropológicos, nesse desenvolvimento tardio do *Corpus Hermeticum*, utilizaremos Plutarco.

Nascido em 45 d. C., na Queronéia, coetâneo desse período efervescente e multicultural. Foi grego de origem, mas completamente cosmopolita de espírito, ele parece nos oferecer elementos para aduzir a tese da escola eclética e da manufatura posterior ao seu tempo, do *Corpus Hermeticum*, e de que essas variadas escolas do pensamento grego e oriental tiveram influência direta no *Corpus Hermeticum*.

Plutarco é conhecido pela extensa erudição de todas as escolas de pensamento que o precedeu, assim como das tradições religiosas das culturas gregas e egípcias, e parece confirmar a inexistência do *Corpus Hermeticum*, ao descrever como se dão certas festividades egípcias, em sua época, de qualquer tratado conhecido como *Corpus Hermeticum*, o que demonstra sua configuração eclética e temporalidade posterior de tal obra, tendo sua origem certamente por volta do século II, quando fundaram-se as escolas e doutrinas dos primeiros heresiarcas cristãos, junto com as escolas neoplatônicas e ecléticas. O sinal dessa inexistência que encontramos em Plutarco, se dá quando ele confere a *Osíris* (PLUTARCO, 2022, p. 105), e não a *Hermes*, a qualidade de “Trimegisto”, ao descrever a festa das Pamílias:

celebravam a festa das **Pamílias**, como já foi dito, onde o seu membro viril é três vezes maior; pois o deus é o princípio, e todo princípio multiplica por sua fecundidade o que vem dele. E frequentemente estamos acostumados a dizer “três vezes, como “três vezes bem-aventurados” e “laços três vezes tantos, infinitos”, a não ser, por Zeus, que a expressão “três vezes” seja revelada no seu sentido próprio pelos antigos, pois a natureza úmida é o princípio e a origem de tudo e produz de si os três primeiros elementos materiais, a terra, o ar e o fogo.

Plutarco, em vários momentos, descreve o quanto pensadores e escolas gregas, como o pitagorismo, foram influenciados pelo sacerdócio e sábios egípcios.

No seu livro *De Ísis e Osíris*, obra endereçada a sacerdotisa Cléa, sobre os deuses egípcios, sua relação com os deuses olímpicos, seu culto e o papel importante dos sacerdotes-filósofos, Plutarco discorre (PLUTARCO, 2022, p. 127) sobre o surgimento do mundo na visão dos antigos egípcios, se expressando que

é uma mistura que vem de **poderes contrários**, sem dúvida, não com a mesma força, mas o melhor é o que predomina; e **é completamente impossível que o mal seja**

destruído, porque está muito enraizado no corpo e na alma do universo, e está sempre combatendo com o melhor” (Negrito nosso).

Essa guerra dos opostos é uma característica marcante da onto-epistemologia heraclitiana. Na leitura de Plutarco acerca da cosmologia egípcia do universo e do homem, o *Logos*, o intelecto, a luz e a razão são representadas por *Osíris*, e o seu contrário, o que existe de titânico no cosmos, na alma e no corpo, vem de *Tífon*. Osíris foi responsável por livrar os egípcios de uma vida sem recursos, selvagem, nômade, que os mostrou quais frutos eram saudáveis e comestíveis, instituiu leis e os ensinou a honrar os deuses (PLUTARCO, 2022, p. 71), enquanto Tífon receberá um papel antagonico, tanto no Egito, sob a forma de Seth, quanto no mundo helênico.

Ele faz diversos resgates históricos interessantes e dignos de nota, como de Atena, que era representada pelos pitagóricos, como todos os deuses, por números e figuras geométricas. Atena está ligada ao triângulo equilátero, de Atena Corifagene, ou seja, nascida da cabeça de Zeus, e Tritogênea, porque se divide em três perpendiculares que saem dos três ângulos. Heródoto, com seu caráter crítico e irreverente, diz que os egípcios “contam que Atena é filha de Posídon e da deusa do lago Tritônis, localizado na Líbia, porque algo a descontentava com seu pai, ela foi dada a Zeus, e então Zeus a adotou como se fosse sua própria filha” (HERODOTO, 2016, p. 180). Heródoto coloca o símbolo máximo de Atenas num país bárbaro, como ele próprio o é.

Essas origens divergentes e esquecidas do imaginário helênico deixam claro o papel de apropriação simbólica dos gregos e do caráter identitário posterior de suas ressignificações de deuses, culturas e escolas de pensamentos estrangeiros.

Outra passagem, um pouco anterior (PLUTARCO, 2022, p. 69), corrobora esse papel apropriador, característica grega e do caldo cultural onde desenvolveu-se como potência militar, comercial e cultural, na qual Plutarco descreve o papel de *Osíris*, e como sua festa se confunde com uma festa dionisíaca:

No primeiro dia, nasceu Osíris e, quando nasceu, uma voz saiu junto com ele e avisou que ‘o senhor de tudo vem primeiro à luz’. E alguns contam que um certo Pámiles⁴, enquanto estava buscando água no templo de Zeus em Tebas, escutou uma voz que lhe ordenou que gritasse alto que o grande rei e benévolo Osíris havia nascido e que, por isto, criou Osíris, porque Cronos colocou-o em suas mãos e ordenou-lhe que instituisse a festa das Pámílias, que era semelhante à das Faloforias⁵.

⁴ Um deus egípcio com fama de ser priápico.

⁵ Procissões em honra ao deus Dioniso, por ser considerado um deus fecundador. Heródoto, *Histórias*, 2.42, conta que os egípcios chamavam de Dioniso, celebrando identicamente aos Helenos, exceto as danças. Em

A única passagem que relembra vagamente algo relativo ao que ficou conhecido como *Corpus Hermeticum*, é uma única passagem que descreve a etimologia dos termos Ísis, Osíris, Hermes e Anúbis: “Por isso, chamam Ísis por esse nome, que deriva de *híesthai* com *epísteme* e *pheresthai*, por que ela é um movimento animado e sensato” (PLUTARCO, 2022, p. 143).

Do termo Osíris: “Osíris tem seu nome vindo de uma mistura de *hósios* e *hierós*; pois existe algo comum dentre o que há no céu e o que há no Hades, que são racionais” (PLUTARCO, 2022, p. 145).

E dos termos e rituais para Anúbis e Hermes, Plutarco esclarece (PLUTARCO, 2022, p. 129) que:

“E o nome Anúbis é aquele que revela o celeste e o que se eleva para o alto, ora também é chamado de **Hermanúbis**⁶, pelo fato de que é conveniente ao que está no alto e ao outro que está embaixo (...) Não devemos nos admirar dessa formação dos nomes em estilo helênico; (...) Nos chamados *Livros de Hermes*⁷, concluem por meio de investigação que, a respeito dos nomes sagrados, está escrito que ao poder que ordena a circunvolução do Sol os egípcios chamam de Hórus e os helenos, de Apolo; e a do vento, uns Osíris e outros, Serápis⁸, e outros, Sótis⁹ (...)” (Negrito nosso)

275

Porém, independente disso, ainda é claro a posição de Hermes, as vezes cultuado como Toth, as vezes como Hórus, como sucessor natural de Osíris, da razão e do intelecto, os meios para atingir a divindade, e como esse objetivo estaria ligado ao Tífon, que é representado como o máximo do obstáculo, do impedimento, do titânico e decaído no mundo e em nossa natureza, como vemos (PLUTARCO, 2022, p. 129):

[...] dentre os animais domésticos, consagraram-lhe¹⁰ o mais estúpido, o asno;

lugar de falos, eram movidos estátuas de 50 centímetros, por cordas, presas entre as coxas e partes pudendas, com uma flautista a frente enquanto acompanham cantando hinos a Dioniso.

⁶ Deus egípcio-romano que representava o sincretismo religioso dos períodos helenístico e romano, resulta da combinação do deus heleno Hermes com o deus egípcio Anúbis, e está relacionado à arte e à literatura.

⁷ Escritos compostos com 17 tratados, em diversos temas e gêneros, composta de diálogos entre egípcios e helenos, neles Hermes está associado ao deus egípcio Toth, conforme nos informa Platão em *Filebo*, 18b. Essa associação entre os deuses está no domínio da palavra, Hermes é o mensageiro de Zeus; segundo Platão, *Fedro*, 274c-d, Sócrates conta que ouviu em Náucratis que a íbis era a ave que dedicavam ao deus **Toth**, pois ele foi quem instituiu os números, o cálculo, a geometria, a dama e os dados, e Sócrates destaca que o mais importante dos seus inventos foram as letras

⁸ Deus sincretizado entre Ápis, Ísis e Osíris, egípcio de procedência, mas com nomenclatura helênica, caracterizado por ser um único deus com um único poder.

⁹ Estrela de Ísis.

¹⁰ Tifão.

e dentre os animais selvagens, os mais ferozes, o crocodilo e o cavalo do rio¹¹; então, a respeito do asno nós já esclarecemos isso antes; na cidade de Hermes¹², exibem uma estátua de um cavalo do rio como se fosse a de Tífon, sobre ela vai um gavião lutando com uma serpente, representam Tífon semelhante a um cavalo, a um gavião por seu poder e autoridade que Tífon adquire muitas vezes por meio da violência, que não cessa de atormentar e de ser atormentado pela sua maldade (...) e diziam que Tífon escapou de Hórus porque se transformou em um crocodilo [...]

Em outra passagem (PLUTARCO, 2022, p. 127) encontramos elementos conectivos entre Hermes, o mensageiro, e sua mãe, na religião egípcia, Ísis, a genitora:

Porque tudo está dito na palavra e se pode obter a partir de si mesma. Pois no décimo nono dia do primeiro mês, os egípcios celebram uma festa em Honra a Hermes¹³, comem mel e fígado, e logo dizem “coisa doce é a verdade”; e o amuleto de Ísis em cujo mito narram que ela o colocou em seu pescoço, é interpretado como ‘voz verdadeira’

Por mais que os gregos cultivassem a fama de que os egípcios seriam loucos, devido a confusão religiosa e simbólica, quase que exclusiva a cada cidade, Plutarco observa o caráter metafórico das qualificações que a primeira vista parecem incompreensíveis nos deuses egípcios, como crocodilos e hipopótamos. Para Plutarco, “os mitos não devem ser usados como relatos perfeitamente investigados, mas para o que for conveniente de cada um deles, conforme sua coerência (...) e alguns revelam que o pensamento é o lugar das ideias e recebe tal impressão do inteligível¹⁴” (PLUTARCO, 374E-F).

Por exemplo, Osíris as vezes é representado com um cajado e um olho, simbolizando a previsão e o poder, e as vezes é representado pela imagem do gavião, ave que se destaca pela visão aguçada, velocidade de voo e pelo pouco alimento que precisa para sobreviver. Seu filho com Ísis, concebido depois de sua morte, recomposição e prótese fálica de madeira, é Hórus, senhor da terra preta, a terra fértil e agriculturável, o presente de sua mãe, para quem possui a ciência, a característica paterna, é representado com cabeça de gavião, símbolo semelhante as representações de Osíris.

Seth, por outro lado, é seu oposto complementar, é seu tio fraticida, seu inimigo visceral, seu abusador sexual, senhor das terras desérticas, sem vida, e do Oeste, a terra dos mortos e do sol poente, caracterizado a cabeça de chacal, animal noturno e extremamente arguto,

¹¹ Hipopótamo.

¹² Hermópolis, a maior cidade do alto Egito.

¹³ Mês *toth*, equivale a 16 de novembro.

¹⁴ *De anima*, 429a

carniceiro, capaz de sobreviver onde ninguém mais pode. Mas como visto na citação supracitada, sua violência e solércia permitiu adquirir aspectos *osíricos*, quando é representado como gavião.

Esse aspecto tifônico, encontrado principalmente nos animais mais selvagens e com natureza irracional, como o chacal, o hipopótamo, o crocodilo, tinha-se por crença de que sua ferocidade era por terem uma parte nascida desse *dêmon* mal, *Tifão*, e que para aplacá-lo e apaziguá-lo, se respeitava, honrava e faziam procissões com esses animais.

Plutarco descreve que durante crises climáticas ou pestes, os sacerdotes levavam esses animais mais honrados pela noite, pelo silêncio e tranquilidade, na tentativa de apaziguar o ambiente. E quando não cessavam os problemas, ameaçavam e atemorizavam os animais, e se persistiam os problemas, os mesmos eram oferecidos como sacrifício, como se com isso, simbolicamente castigassem o *dêmon* Tifão, chegando ao paroxismo de sacrificarem pessoas na cidade de Ilítia, cidade da costa egípcia, usando vítimas chamadas de *tifônios*, após jogarem cinzas no mar salgado, elemento alegórico de Tifão.

Essa afetação pelos animais não era exclusiva aos egípcios. Plutarco deixa claro (PLUTARCO, 2022, p. 159) que “nesses assuntos, os helenos se expressam corretamente e consideram que o animal consagrado a Afrodite é a pomba; **a serpente, a Atena**; o corvo, a Apolo; e o cão, a Ártemis, conforme Eurípidés¹⁵: *uma imagem de Hécate porta-luz, um cão será*”.

Sendo o cão, animal preferido de Sócrates, também é um símbolo alegórico de Hermes/Hórus/Osíris, que devido a sua qualidade de guarda, vigilância e sabedoria, conhece como distinguir um amigo e o inimigo, e pelo que diz Platão, *República*, 375e, associam os cães ao mais eloquente dos deuses.

Após o coito de Osíris com Néftis, irmã de Ísis, a criança foi encontrada, graças a ajuda guiada de cães, Ísis a criou, tornou-se sua guardiã e deu-lhe o cargo de assistente, recebendo o nome de Anúbis, e diz-se que ele protege os deuses, como os cães, protegem os homens (PLUTARCO, 2022, p. 73).

Desses relatos entendemos o papel do deus sincrético *Hermanúbis*. Seu oposto, Tifão e sua conexão ao crocodilo, fica então mais claro: para a maioria dos egípcios, este é o único animal a nascer sem língua, instrumento corpóreo que habilita a palavra, domínio de Hórus, Hermes e Hermanúbis.

¹⁵ Tragédia desconhecida.

Porém, em outras circunstâncias, o mesmo crocodilo é reverenciado e sacrificado ao deus da Palavra, pelos habitantes ao redor de Tebas e do Lago Méris, pois para estes habitantes, “a palavra divina não necessita de voz”, “vive em ambiente aquático”, “de modo que vê, mas não é visto, o que acontece com a face de um deus” (PLUTARCO, 2022, p. 165).

Esse aspecto múltiplo, contraditório, multipolar e ao mesmo tempo, holístico, que as divindades parecem espelhar entre si, tanto na religião egípcia e grega, também surge no *Corpus Hermeticum*.

Hermes descreve (HERMES, 2019, p. 89) que “*todos os outros deuses* imortais são honrados com o nome de Deus”, como vemos na religião heleno-egípcia, ao se manifestarem no mundo, porém em seu íntimo, possuem uma unidade absoluta e não-manifestada. Apuleio cita que a deusa Ísis disse-lhe que ela é “a divindade única, a quem o mundo inteiro venera sob múltiplas formas, ritos variados e os mais diversos nomes” (APULEIO, 1967, p. 211).

Plutarco segue o pensamento platônico, de que o discurso sobre os deuses a partir de preceitos filosóficos nos conduz a *teologia*, torna possível compreender esse incompreensível, o divino, e até mesmo ir além, como vemos (PLUTARCO, 2022, p. 127):

nas *Leis*, já mais velho, não por meio de alegorias nem simbolicamente, mas com nomes adequados, afirma que com uma só alma não se move o mundo, mas muitas vezes, talvez com duas, certamente não menos; portanto, destas, **é uma benéfica e a outra lhe é contrária, também é artífice do contrário; deixa também uma terceira que é uma natureza intermediária**, não desprovida de alma nem razão, nem de movimento próprio, como alguns consideram, mas depende de ambas duas, que seguem a melhor sempre, tanto a que desejam como a perseguem, o que se mostrará na continuação do nosso tratado, que se propõe especialmente a acomodar a teologia dos egípcios a essa filosofia.” (Plutarco. *De Ísis e Osíris*, 370F-371A. (Negrito nosso).

Essa cosmogonia apresentada por Plutarco (PLUTARCO, 2022, p. 87) segue a elaborada por Platão no diálogo *Timeu* 21a7, enfatizando o poder do bem, e de que na manifestação, o mal é necessário e não pode ser destruído, semelhança encontrada no primeiro parágrafo do capítulo IV do *Corpus Hermeticum*, assim como da existência de uma terceira natureza ou alma, intermediária entre o homem e os deuses, entre o manifestado e o não manifestado, e de como o Demiurgo é responsável pela criação da multiplicidade, do bem e do mal que existe no mundo material, das almas humanas, assim como dos *dêmones*, como narra:

“Portanto, é melhor os que consideram que as conclusões das investigações dos relatos sobre Tífon, Osíris e Ísis não são desgraças próprias nem dos deuses nem dos homens, mas dos grandes **dêmones**, os que Platão, Pitágoras, Xenócrates e Crisipo, que seguiram os antigos teólogos, dizem que são dotados de um poder sobre-humano e que ultrapassam em muito a capacidade da nossa natureza, e eles não têm o divino constituído sem mistura nem puro, mas ele também participa da natureza da alma e da percepção pelos sentidos do corpo, no qual recebe o prazer, a fadiga e quantas

paixões se sucederem por essas mudanças, que perturbam a uns mais e a outros menos; pois entre os homens, **também entre os dêmones nascem as diferenças de virtude e de vício.**” (Negrito nosso)

Platão atribui aos deuses olímpicos a direita e o número ímpar, um propósito singular e imutável, enquanto aos *dêmones*, exatamente o contrário. Plutarco, caudatário dessa escola, é um representante exemplar desse ecletismo filosófico-religioso. Para Plutarco, os deuses não são propriedades de um determinado povo, ele entende que os deuses pertencem ao todo, ao mundo ou universo, por isso, comum a todos os povos, como vemos (PLUTARCO, 2022, p. 153):

Pois o deus não é desprovido de inteligência, nem inanimado, nem submisso aos homens; por isso nós os reconhecemos como deuses, porque são úteis para nós e nos presenteiam e nos oferecem frutos de modo suficiente e perene, **não diferente em diferentes povos, nem bárbaros nem helenos, meridionais nem setentrionais; mas como o Sol e a Lua, o céu, a terra e o mar que todos os têm em comum, porém são chamados de diferente modos por diferentes povos, é assim porque é a única razão que ordena isso e a única providência que as governa e os únicos poderes que auxiliam em tudo**, que surgiram entre diferentes povos; **conforme seus costumes, recebem diferentes honras e nomes**, e usam seus símbolos consagrados, uns obscuros, outros mais claros, conduzem, não sem risco, a inteligência ao caminho divino” (**Negrito** nosso).

279

Ele sintetiza o sincretismo filosófico-religioso dos gregos e egípcios da sua época, iniciado na época ptolomaica, e é por isso que ele encontra tanto no pitagorismo, quanto no platonismo, e nas diferentes tradições religiosas e filosóficas, a inspiração do pensamento filosófico grego, e a influência que o misticismo e a sua racionalização terão sobre Platão, levando em conta que a obscuridade e percepção superficial de um deus pode acarretar na queda das “várzeas úmidas da superstição” ou até cair “no desfiladeiro do ateísmo” (PLUTARCO, 2022, p. 153). Ele descreve como esse movimento surge, após a ida de grandes sábios, dentre eles, Pitágoras, ao Egito, que o levou a aprender e compreender a teologia egípcia e o capacitou a interpretar os ritos religiosos egípcios a luz de sua filosofia e da razão, ao ver e ouvir como agem os sábios egípcios, como usarem linho, não se alimentarem de sal, vinho, peixe, cebola, carneiro e porco, por considerarem alimentos impuros, praticarem a ascese, de acordo com Plutarco (PLUTARCO, 2022, p. 57-67), vemos:

E muitos ainda tem concluído em suas investigações que ela era filha de Hermes, e muitos outros, de Prometeu, porque consideram a descoberta da sabedoria e da previsão como sendo deste segundo, e a da gramática como sendo de Hermes; (...) Pois os filósofos não são os que deixam suas barbas crescer, ó Clea, e trajam mantos puidos(...); mas um Isíaco de verdade é aquele que, quando recebe legitimamente da tradição o que se vê e o que se faz a esses deuses, por meio da razão, busca e se aplica

filosoficamente ao estudo da verdade existente nisso. (...) outros dizem que evitam lâ, como a carne de ovelha porque a respeitam (...). E a única causa verdadeira de tudo é: ‘não é permitido ao puro tocar o impuro!’, no que Platão diz¹⁶. (...) Eles tem **muitos períodos de purificações, nos quais filosofam, aprendem e ensinam assuntos divinos**. (...) os antigos lançavam mão da comodidade, do luxo e da vida prazerosa (...) E os reis eram indicados pelos sacerdotes (...) E dão testemunho disso também os mais sábios dos helenos, *Sólon, Tales, Platão, Eudoxo, Pitágoras*, como alguns dizem, também Licurgo, que foram ao Egito e andaram em companhia dos sacerdotes. Contam que (...) *Pitágoras (ouveu) a Enúfis, um heliopolitano*. E especialmente este, como parece, porque *foi admirado e admirou esses homens, imitou o simbólico e os mistérios deles ao misturar suas doutrinas com alegorias* (Negrito nosso)

Embora Plutarco descreva uma situação de troca cultura e intelectual entre gregos e egípcios, por meio da convivência dos filósofos helenos com os sábios egípcios, Plutarco destaca a importância e influência do Egito no panorama do pensamento grego, corrente em suas obras, tendo como linha mestra, o papel da filosofia grega no entendimento da religião egípcia, afastando dela (PLUTARCO, 2022, p. 153) o seu verniz religioso:

Por isso, diante dessas questões, devemos sobretudo tomar como guia a razão vinda da filosofia, refletir piedosamente sobre cada uma das doutrinas e ritos, do mesmo modo que Teodoro¹⁷ disse que as palavras que com a mão direita ele oferecia a alguns dos seus ouvintes eles as recebiam com a mão esquerda; assim, nós não cometamos o erro de entender de outro modo o que os costumes estabeleceram com excelência sobre os ritos sacrificiais e as festas

280

E é por meio da filosofia grega, estando entre os filósofos mais citados, Platão, que Plutarco exortará o papel da filosofia e da religião como meios de encontrar a verdade, através do conhecimento divino, sustentado por princípios filosóficos, para se atingir o estado de *Theosis*, divinização ou assemelhação ao divino, como vemos (PLUTARCO, 2022, p. 169-170) em:

Por isso também Platão e Aristóteles chamam a essa parte da filosofia de epóptica¹⁸, o quanto os que **ultrapassam com o auxílio da razão** todas essas situações, confusas e misturadas, que se deslocam em direção ao primeiro, simples e imaterial, e **tocam realmente a pura verdade que o cerca**, como em um festival com ritos místicos, **consideram que atingiram o fim último da filosofia**. (Negrito nosso)

Quando Hermes Trimegisto sugere uma inteligência suprarracional, ao dizer que “deus, então, não é intelecto, mas é a causa da existência do intelecto” (HERMES, 2019, p. 88),

¹⁶ Fédon, 67b.

¹⁷ Teodoro de Cirene, filósofo discípulo de Aristipo, criador do Hedonismo, famoso ateu da antiguidade e conhecido pela depravação e desregramento.

¹⁸ Último estágio da iniciação eleusina.

e ao descrever que esse intelecto é meio para atingir a perfeição, em que “a escolha do melhor (a ciência do intelecto) não somente mostra sua existência para aquele que a fez, a mais gloriosa, mas *ela diviniza o ser humano*, e manifesta ainda a piedade para deus” (HERMES, 2019, p. 100), reflete quase *ipsis litteris* a citação plutarquiana, ou o conhecimento vigente das escolas iniciáticas alexandrinas.

Hermes Trimegisto descreve (HERMES, 2019, p. 128) que essa mudança de estado se dá quando “as almas humanas fazem sua entrada na imortalidade transformando-se em ‘*daimons*’, e depois neste estado passando no coração dos deuses. E tal é a glória mais perfeita da alma”. Esse processo de divinização se encontra novamente de forma categórica em todo o livro VII, e é descrito acima, nas passagens de Plutarco, ao citar e complementar a cosmologia de Timeu de Platão.

Como vemos em Plutarco, o papel dado ao conhecimento nesse processo de divinização, de transformação do homem em algo além, assim como em seu contrário, ao ceder aos seus aspectos tifônicos, é patente na religião egípcia, em relação a Osíris, o “trimegisto” primevo, a Hermanúbis, e o Hermes Trimegisto do *Corpus Hermeticum*, em que a virtude da alma é o conhecimento, e sua ausência, a ignorância (HERMES, 2019, p. 130-131):

a alma que entra num corpo humano e permanece no vício, *não experimenta a imortalidade*, não toma parte no Bem, mas levada para trás percorre inversamente a rota seguida, e que conduz até aos répteis: tal é a sentença de condenação da alma viciosa. Ora, *o vício da alma é a ignorância*. Realmente quando uma alma não adquiriu nenhum conhecimento dos seres, nem de sua natureza, nem do Bem, quando é cega, sofre os embates violentos das paixões corporais. Então a infeliz, para ignorar-se a si mesma, torna-se escrava de corpo monstruoso e perverso, carrega seu corpo como um fardo, não comanda, sendo comandada. Tal é o vício da alma. Ao contrário, *a virtude da alma é o conhecimento*: pois aquele que conhece é bom e piedoso, *já divino*. (Negrito nosso)

O próprio intelecto, quando propriamente utilizado, é visto com um bom *daêmon*, mas para isso, é preciso “ó criança, quando rendes graças a Deus, *deves pedir a obtenção de um bom ‘intelecto’*” (HERMES, 2019, p. 144).

Hermes descreve o Intelecto como a própria substância de deus, gerado a partir dessa fonte, como luz que advém a partir do sol, e de que “nos homens este intelecto é Deus: também *alguns entre os homens são deuses* e sua humanidade é muito próxima da divindade e com efeito o bom *daêmon* nomeou os deuses como ‘homens imortais’ e os homens ‘deuses mortais’” (HERMES, 2019, p. 161).

É a partir disso que o Hermes Trimegisto do *Corpus Hermeticum* (HERMES, 2019,

p. 145) diz que

nenhum dos deuses celestes deixará a fronteira do céu e descerá sobre a terra, *o ser humano contrariamente se eleva até ao céu* e o mede, e sabe o que está em cima no céu, o que está embaixo, e aprende todo o resto com exatidão e, maravilha suprema, não precisa deixar a terra para se estabelecer no alto, tão longe se estende seu poder! É preciso então ousar dizê-lo, *o ser humano terrestre é um deus mortal*” (Grifo nosso)

A divinização do homem, a *Theosis*, é um termo contemplado entre diversas escolas de pensamento helênicas, como as citadas até então, mas também em escolas do Oriente.

Nos escritos gnósticos hindus, Deus é considerado como estando além da noção de ser e de não ser, ou então, como sendo, ao mesmo tempo, o ser e o não ser: “O infinito, senhor dos deuses, em quem o mundo habita, tu imperecível, o ser e o não ser, e aquele que está além” (A Bhagavad Gîtá, XI, 37).

Deus sendo nada, nenhum nome poderia lhe ser atribuído. Deus, sendo tudo, ao mesmo tempo, estaria acima de toda essência e se discute que nome lhe cabe, como vemos no *Corpus Hermeticum* (HERMES, 2019, p. 161), que “ele é divino, é essencial; se ele é deus, está acima da essência”.

No livro sagrado dedicado a Asclépio (HERMES, 2019, p. 244), isso fica claro “de forma que se consideramos a majestade de um Ser tão grande, nenhum destes nomes tem o poder de defini-lo com exatidão”.

O hermetismo do *Corpus Hermeticum* chama o primeiro princípio de Tudo, salientado um certo panteísmo superficialmente, mas que na verdade, torna-se uma espécie de gnose salvífica, ao atribuir a Inteligência ao Deus oculto, sem nome e além do ser, acessível ao homem por meio do *daimôn* bom, o intelecto, que deve-se pedir ao Intelecto, para se atingir então a estatuto de *sábio*.

3. Considerações Finais

Visto as patentes semelhanças entre as escolas de pensamento egípcia, platônica e plutarquina, os termos utilizados, a concepção metafísica, cosmológica e místicas, que dista das noções fisicalistas, pitagóricas e eleatas da realidade, das utilizações de concepções platônicas, neoplatônicas e gnósticas, e do testemunho e autoridade de Plutarco, fica o questionamento: podemos aduzir que desse caldo cultural e fecundo entre filosofia pagã, filosofia cristã, religiões orientais, egípcia e grega, característico dos séculos I, II e III, foram o responsável pela criação ou amálgama do *Corpus Hermeticum*?

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 12	n. 29 (especial)	2023	p. 270 - 283
--------------------------	--------	------------------	------	--------------

4. Referências

APULEIO. **O asno de ouro**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1967.

BALMES, Jaime. **História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2022.

BUKKYO, Dendo Kyokai. **A Doutrina de Buda**. 3º ed. São Paulo: [s. n.], 1982.

HERMES, Trimegistum. **Corpus Hermeticum**. Tradução, edição, introdução e notas de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2019.

HERÓDOTO. Histórias. **Livro II – Euterpe**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

PLUTARCO. **De Ísis e Osíris**. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: [s. n.], 2022.